

# MARCAS CULTURAIS IDEOLÓGICO-DISCURSIVAS EM OBRAS DA LITERATURA SURDA ESCRITAS: EXPERIÊNCIAS DE VIDAS SURDAS

DOI: 10.47677/gluks.v23i2.390

Recebido: 11/06/2023

Aprovado: 17/10/2023

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva<sup>1</sup>

ALBRES, Neiva de Aquino<sup>2</sup>

**RESUMO:** Nesta pesquisa, interessa-nos descrever as características de obras literárias surdas, categorizar e analisar marcas culturais ideológico-discursivas presentes nessa literatura. O corpus deste trabalho é composto por obras literárias da comunidade surda. O estudo se configura como uma abordagem qualitativa, descritiva e pesquisa documental. Buscamos respaldo na perspectiva dialógica, com base em Bakhtin e o círculo (Bakhtin, 2010, 2018, 2019; Medvedev, 2012; Volóchinov, 2019) para analisar os discursos presentes nos enunciados materializados nas obras literárias. Tal análise possibilita compreender que as experiências surdas marcadas discursivamente em suas obras literárias, a partir do projeto discursivo dos autores, almejam ser conhecidas e respeitadas por aqueles que não as vivenciam. Como resultado identificamos e analisamos nove marcas culturais ideológico-discursivas.

**PALAVRAS-CHAVES:** Estudos da Tradução, Tradução Literária, Literatura Surda, Tradução de Libras para português, Análise Dialógica do Discurso.

## Introdução

Pretende-se, por meio deste artigo, contribuir com a compreensão acerca das marcas culturais ideológico-discursivas, doravante (MCID) presentes nas obras literárias de literatura surda registradas em português. Entende-se que a disponibilização de literatura surda, em português escrito, ricas em MCID, possibilita que estas obras possam perdurar e alcançar

---

1 Doutoranda em Estudos da Tradução pelo programa de Pós-graduação em estudos da Tradução (PPGET) da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Assistente Administrativo no departamento de Libras da UFSC. Bolsista UNIEDU/FUMDES. E-mail: Chelly.s@hotmail.com

2 Professora do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC). Doutora em Educação Especial (UFSCar). E-mail: neiva.albres@ufsc.br.

*Gláuks: Revista de Letras e Artes-jun/set, 2023-ISSN: 2318-7131-Vol.23, nº 2*

outros sujeitos não sonhados pelos seus autores, de forma a difundir também no mundo ouvinte as experiências de vidas surdas, e assim passar a refletir sobre a importância do uso da Língua de sinais de da cultura surda dentro da comunidade surda, paralelamente à possibilidade de uma intensa experiência com a literatura escrita (própria de sua comunidade) proporciona aos sujeitos surdos o desenvolvimento da imaginação e criatividade como ocorre com os ouvintes que, desde cedo, têm acesso à literatura escrita.

Para a perspectiva dialógica (Bakhtin, 2010, 2018, 2019; Medvedev, 2012; Volóchinov, 2019) o sujeito é um ser único, inserido em um mundo de ideias coletivas. E sendo único, mas não sozinho, esse sujeito é influenciado por uma série de discursos ao longo de sua existência. Esses discursos, conscientemente ou não, vão constituindo o sujeito, que pode ou não reconhecer sua alteridade em relação aos outros com quem convive, dialoga, influencia (Volóchinov, 2017). Assim como Bakhtin (2019, p.13), refletimos que “[...] não se pode estudar a literatura isolada de toda a cultura de uma época [...]”.

De acordo com Mourão (2011), o acesso à literatura pela comunidade surda tem se dado em grande parte por meio das traduções de português para Libras, assim como de adaptações e criações surdas. Tais obras constantemente se encontram envoltas em processos tradutórios interlinguais, intermodais, ou intersemióticos, quando não em diversos processos tradutórios em uma mesma produção.

Para Bakhtin, filósofo russo, o discurso é fundado em determinado tempo e espaço social, denominado *cronotopo*. Termo esse proveniente do grego, *cronos* – tempo e *topo* – espaço, e que cunhado por Bakhtin nos faz refletir sobre como “a interligação essencial das relações de espaço e tempo como foram artisticamente assimiladas na literatura” (Bakhtin, 2018, p.11), onde o ser humano enuncia o que enuncia, expressa seu discurso a partir das experiências vividas por ele na sociedade a qual está inserido.

O próprio sentido da palavra enunciado passa a fazer parte da história por meio do ato individual de sua realização e torna-se um fenômeno histórico. Pois o fato de que foi esse sentido que se tornou um objeto de discussão aqui e agora, que é dele que estão falando e que falam justamente assim e não de outra forma, que precisamente esse sentido entrou no horizonte concreto dos que falam, tudo isso é inteiramente determinado pelo conjunto das condições histórico-sociais e pela situação concreta desse enunciado individual. (Medvedev, 2012, p. 184).

O discurso para Volóchinov (2017) também é polifônico. Termo cunhado a partir da música, onde a junção de diferentes acordes e instrumentos numa orquestra criam uma melodia, uma música. Para o autor, o discurso é composto de múltiplas vozes, passadas, presentes e futuras, que influenciam aquele que discursa. Essas vozes, compostas por memórias diversas, entrelaçam-se no tempo e espaço, fundem-se então para criar, uma nova voz, um novo discurso.

Assim, o que caracteriza o campo dos estudos dialógicos do discurso é o estudo da linguagem, viva e concreta. Linguagem que também se apresenta por meio da palavra, escrita, sinalizada, oralizada, entre outros. Palavra discursiva, carregada de ideologia, que pode ser encontrada também na literatura.

Nesta pesquisa, interessa-nos descrever as características de obras literárias surdas, categorizar e analisar MCID. Começamos a estudar Literatura produzida por pessoas surdas, seja em Libras (Língua Brasileira de Sinais) ou em português escrito, e compreendemos que elas se configuram por algumas características em comum. Aproximando-se do campo disciplinar Estudos da tradução, pergunta-se: Quais marcas culturais surdas são impressas na literatura surda traduzida para o português? Qual é a relação dessas marcas com a história de vida dos autores que as produzem?

Primeiramente, conceituamos a linguagem na perspectiva dialógica da linguagem que embasa o nosso olhar teórico metodológico, para, em seguida, apresentarmos a metodologia desta pesquisa. Na sequência, selecionamos algumas obras literárias para ilustrar as MCID e, por fim, apresentamos as generalizações construídas a partir do corpus delimitado para este estudo.

### **Literatura, arte e vida: linguagem em perspectiva dialógica**

A perspectiva dialógica da linguagem com base em Bakhtin e o círculo parte da concepção de que os signos são ideológicos. Ideologia aqui não significa falsa consciência, significa que todo signo é usado no discurso a partir de uma dada posição social e histórica de um locutor diante de seu interlocutor. Não recebemos palavras neutras da Língua, mas signos que vêm de pessoas reais e revelam uma valoração, ou avaliação, do que é dito (Sobral, Giacomelli, 2016, p. 1093).

A literatura, conseqüentemente, não é composta por textos formados por frases com palavras soltas, mas por enunciados. Enunciados completos e complexos mesmo quando expressos em uma única palavra. Enunciados que transmitem vida, sentimentos, emoções, relações de poder e opressão.

O enunciado é visto por Volóchinov (2017) como a unidade da comunicação discursiva. Cada enunciado constitui um novo acontecimento, um evento único e irrepitível da comunicação discursiva. Ou seja, sua natureza única implica que ele apenas pode ser referenciado por meio de citação, tanto na esfera da comunicação discursiva quanto na literatura.

Um Livro, ou seja, *um discurso verbal impresso* também é um elemento da comunicação discursiva. Esse discurso é debatido em um diálogo direto e vivo, e, além disso, é orientado para uma percepção ativa. [...] desse modo, o discurso verbal impresso participa de uma espécie de discussão ideológica em grande escala: responde, refuta ou confirma algo, antecipa as respostas e críticas possíveis, busca apoio e assim por diante. (Volóchinov, 2017, p. 219, grifo nosso)

Segundo Bezerra (2015, p. 236), “a literatura é a arte do discurso e este explora as possibilidades infinitas do sentido”. Para o autor, a tradução pertence ao campo do discurso, por trabalhar com a linguagem, que busca representar os sentidos.

Ao iniciar a tradução de uma obra, o tradutor tem de estar consciente de que não se traduz língua, mas aquilo que uma individualidade criadora – o autor faz dela, isto é, traduz-se linguagem, ou melhor, linguagens, à medida que cada falante é uma nesga do universo sociocultural e sua linguagem marca sua pertença a certo segmento social e exprime seu grau de escolaridade, seu nível cultural e até sua saúde mental ou falta dela. (Bezerra, 2015, p. 242)

Nesse sentido, o tradutor/leitor precisa ler tanto o contexto intraverbal e extraverbal da obra. Para Volóchinov (2019), os aspectos que devem ser analisados por pesquisadores, em relação aos enunciados literários são: “1) o valor hierárquico do personagem ou do acontecimento, que é o conteúdo do enunciado; 2) o grau de sua proximidade com o autor; 3) o ouvinte e sua inter-relação com o autor por um lado, e com o personagem por outro.” (Volóchinov, 2019, p. 144).

O discurso, neste caso, é expresso pelo sujeito por meio da linguagem falada, escrita, sinalizada, cantada, poética, performática, artística, entre outras. Pois, por meio da linguagem

expressam-se sensações, sentidos, sentimentos valorativos a respeito das coisas que nos cercam, que nos cercaram ou que entendemos ainda vão nos cercar.

Sobral (2021), aborda essa questão como sendo a alteridade constitutiva, expressão não abarcada diretamente por Bakhtin e o círculo, mesmo assim presente em suas obras. Para o autor, constituímos-nos como *eus* por meio do confronto, do contraste e da delimitação entre os *eus* que somos, vivenciamos, apresentamos aos outros e os outros *eus* que por razões diversas escondemos, decidindo não ser e não vivenciar no âmbito de alguma coletividade. “Não há locutor que diga algo com total imparcialidade, porque dizer algo sempre parte da realidade da pessoa, de sua vida, de suas experiências, revelando a sua posição, tanto sobre um dado assunto como a posição que ela ocupa na coletividade” (Sobral, Giacomelli, 2016, p. 1083).

O autor de uma obra literária faz escolhas discursivas. Escolhas que levam o leitor ao encontro com um outro (estrangeiro) autor, outra cultura, outro mundo, muitas vezes tão diverso do seu, quanto poderia imaginar. Para Albres (2014, p. 1154) “o individual se relaciona, imperiosa e dialeticamente, com o social/global, refratado pelas contradições e relações entre o eu e os outros, nos múltiplos espaços sociais”. Ou seja, a expressão individual, não permanece sozinha, mas se encontra polifonicamente entrecruzada por diferentes vozes, que dialogicamente envolvem o sujeito enquanto vão construindo sentidos e respostas para as escolhas que esse tem de fazer.

Obter informações acerca de seu locutor, seus interlocutores presumidos, a situação de sua produção, a esfera de atividades em que surgiu e circula, porque o texto, embora aponte para esses elementos, não os apresenta diretamente. Sem esses elementos, a análise não avança ou corre o risco de se tornar mera especulação. Sem o texto ou apenas com o texto, o analista não tem como chegar ao processo enunciativo (Sobral; Giacomelli, 2018, p. 315)

A literatura é sonhada, criada, escrita, produzida, traduzida, adaptada e disponibilizada por adultos imersos em determinada comunidade linguístico cultural. Estes adultos, autores e tradutores, consciente ou inconscientemente, carregam para seus textos literários MCID, pertencentes a sua comunidade linguística.

Segundo Bakhtin, “o autor é um prisioneiro de sua época, de sua atualidade, os tempos posteriores o libertam dessa prisão e a ciência da literatura tem a incumbência de ajudá-lo  
*Gláuks: Revista de Letras e Artes-jun/set, 2023-ISSN: 2318-7131-Vol.23, nº 2*

nessa libertação” (2017, p.16). Pois, o discurso é expresso por meio da linguagem, que pode assumir diversas formas, tais como a escrita, a sinalizada, a oral, a gesto-visual, a linguagem gráfica, a midiática e a ilustrativa, entre outras. “A linguagem, matéria de que se nutre a literatura, sendo parte da vida política e social, não só molda nossas percepções, como é moldada pelo social” (Reis, 1992, p. 4). Ainda segundo o autor, a literatura:

[é] um fenômeno altamente complexo e possui um caráter eminentemente dialogal. Na leitura interagem não apenas o leitor e o texto, mas, através do texto, o leitor entabula uma conversação com o autor, com o contexto histórico e social plasmado no texto, com uma cultura, uma tradição literária, uma visão de mundo, um acervo linguístico (Reis, 1992, p. 7).

As histórias também contribuem para a transmissão de costumes e convenções de diferentes povos e épocas. Muitas histórias dão acesso ao conhecimento dos costumes cotidianos de diferentes povos, assim como as relações de hierarquia e poder na vida em sociedade. Desse modo, hábitos e práticas, cotidianos ou não, louváveis ou não, também aparecem e muitas vezes se destacam na literatura (Schlemper, 2016).

Entendemos que as MCID se apresentam como rompantes de uma determinada cultura presentes em obras de arte ou literárias. Aquilo que, muitas vezes, pode ser considerado exótico. Estas podem aparecer expressas nos textos (escritos, ilustrados, sinalizados, midiáticos, entre outros) produzidos pela comunidade linguística a qual pertencem. Sendo mais latentes nas produções literárias de minorias linguísticas e étnicas. Não por existirem em maior quantidade nestas, mas por ‘saltarem aos olhos’ daqueles que não as conhecem. Dessa forma, por meio da literatura e suas traduções, o discurso de sujeitos outros, registrado numa Língua diferente da qual nasceu, expressa a cultura dos povos, suas lutas, suas percepções, suas valorações acerca do mundo e da sociedade na qual estão inseridos.

A investigação de materiais literários pertencentes a literatura surda, por meio dos textos escritos, pictográficos e gesto-visuais evidenciam que os autores consciente ou inconscientemente adentram nas escritas de si, além de descreverem seus conflitos enquanto surdos imersos num mundo de ouvintes (Karnopp, 2010; Strobel, 2008; Schlemper, 2016). Tais evidências se apresentam na literatura surda de forma mais marcada, e latente, por meio da presença da Língua genuína dos surdos, ou seja, a Língua de sinais.

Em relação às Línguas de Sinais, podemos inferir que essas se apresentam indissociáveis da cultura do povo Surdo e trazem à tona suas características culturais (os valores, as lutas por direitos e os costumes desses indivíduos), que ao longo da história foram sedimentadas socialmente. Nesse sentido, de acordo com Lodenir Karnopp (2010), a Literatura Surda nos é apresentada ao condensar-se em manifestações literárias que fazem uso de uma língua visuoespacial e representam os Surdos não como deficientes, mas como grupo linguístico e cultural diferente (Souza et al, 2016, p. 196).

Dessa forma, tanto graficamente nos textos escritos e ilustrados, quanto oralmente nos textos vocalizados ou visualmente nos textos sinalizados, as mãos e o olhar dos sujeitos surdos estão em latência, gritando para serem vistos, para serem notados e ganharem a atenção do leitor surdo e ouvinte. São mãos que gritam por respeito, liberdade, inclusão, dignidade, civilidade, direitos, entre outras coisas mais.

Fazem parte do acervo literário da comunidade surda: poesia, histórias de vida, anedotas, piadas, jogos de linguagem de A à Z, contos infantis, crônicas, Visual Vernacular (VV), *Slam*, fábulas, romances e lendas. Tal variedade nos faz refletir que a literatura surda assim como as demais, ramifica-se em diferentes gêneros literários (Karnopp, 2010; Mourão, 2012; Strobel, 2008). Ou seja, ela se constitui na “expressão de arte das comunidades surdas, que visam apresentar à sociedade sua Língua e cultura, podendo o seu registro se apresentar de forma oral/sinalizada, gráfica e midiática” (Schlemper, 2019, p. 16).

Com objetivo de apresentar aos surdos e ouvintes “suas peculiaridades culturais, suas vivências, suas aspirações, desejos, sonhos e sentimentos” (Felício, 2014, p. 31), a comunidade surda, composta por surdos e ouvintes, tem buscado divulgar e disponibilizar produções de literatura surda, pois “ao mergulhar em mundos desconhecidos do devaneio existe também a possibilidade de o leitor encontrar um personagem com elementos ou traços parecidos ou idênticos a ele mesmo, como se fosse um grande espelho refletindo elementos do próprio leitor” (Wind, 2015, p. 48). Percebe-se que uma das marcas mais latentes da cultura surda presente nas obras literárias da comunidade surda é a presença das Línguas de Sinais.

### **Metodologia: o caminho trilhado**

Seguimos uma abordagem qualitativa e descritiva, considerando que o assunto já é conhecido pelos pesquisadores, e a contribuição que se pretende fazer é proporcionar uma *Gláuks: Revista de Letras e Artes-jun/set, 2023-ISSN: 2318-7131-Vol.23, nº 2*

nova visão sobre a literatura surda disponível no mercado editorial. Assim, optamos pela abordagem de pesquisa documental, conforme conceituada por May (2004).

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente. (Cellard, 2008, p. 295)

A utilização de documentos é de grande valia devido à vasta gama de informações que podem ser obtidas por meio deles, sendo que para se conduzir adequadamente a análise de documentos, é imperativo considerar a contextualização histórica e sociocultural. “Uma pessoa que deseja empreender uma pesquisa documental deve, com o objetivo de constituir um corpus satisfatório, esgotar todas as pistas capazes de lhe fornecer informações interessantes” (Cellard, 2008, p.298). também vale ressaltar que a abordagem documental se fundamenta em documentos originais, que ainda não foram objeto de análise, sendo uma das técnicas fundamentais para a pesquisa nos campos das ciências sociais e humanas, conforme destacado por Helder (2006).

Dentre as diversas possibilidades de documentos, definimos as obras de literatura surda impressas para estudo. Dessa forma, a pesquisa documental consistiu no: a) planejamento da pesquisa, b) execução – identificação de obras de literatura surda impressas, e c) seleção das obras para análise e reconhecimento da presença de MCID.

Para selecionar as obras que comporiam o corpus desse trabalho, foram elencados critérios de inclusão e de exclusão, dispostos no Quadro 1.

Quadro 1 – Critérios de inclusão e exclusão no corpus da análise.

Critérios de Elegibilidade	
Inclusão (I)	Exclusão (E)
Conteúdo principal: análise documentária de literatura surda.	Pesquisa não tem relação com análise documentária de literatura surda.
Tipo de documento: obras literárias impressas e publicadas por editoras	Tipo de documento: obras literárias impressas e publicadas de forma autônoma, por exemplo em sites, blogs ou redes sociais.
Acesso ao texto completo dos documentos (obra literária)	Falta de acesso aos textos completos (obra literária).
Idiomas: português	Produções de idiomas diferentes dos indicados
--	Estudos duplicados.

Fonte: Autores (2023).

Todas as 32 obras selecionadas estão situadas no site do projeto de extensão Librando: Compartilhando Literatura Surda<sup>3</sup>, no menu: Acervo literário da comunidade surda – Obras impressas

As obras foram selecionadas a partir de pesquisa em diferentes fontes desenvolvidas por Schlemper (2016, 2019a, 2019b, 2022) e Schlemper, Costa e Albres (2022), como consulta em sites de busca como *google* e *bing*; sites que vendem livros como *amazon* e *americanas*; editoras como *saraiva*, *SBB* e *ciranda cultural*; consulta a revisões de literatura em dissertações e teses da área e por meio de contato com colegas pesquisadores que também desenvolvem pesquisas sobre literatura surda e tradução literária de e para Libras.

“A análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões e hipóteses de interesse” (Lüdke; Andre, 1986, p.38). Com o corpus de literatura surda construído, empreendemos uma análise. Nesse sentido, optamos por empregar a técnica de manipulação de documentos, abrangendo desde a organização e categorização do material até a criação das categorias de análise.

Adotamos um processo de leitura integral das obras, seguido pela seleção de características particulares das comunidades surdas. Com meticulosidade, procedemos à decomposição do conteúdo dos documentos em fragmentos mais elementares, revelando assim as nuances intrínsecas contidas no material, conforme discutido por Chizzotti (2006). Os fragmentos podem ser palavras, termos ou frases significativas de uma mensagem, assim como as ilustrações. Procedemos paralelamente a pesquisa biográfica sobre os autores (surdos e ouvintes) no currículo lattes. Tal metodologia fundamenta-se na perspectiva teórico-metodológica dialógica, que compreende ser fundamental que sujeito pesquisador, para analisar discursos, compreenda toda a esfera enunciativa, assim como considere o gênero discursivo em análise.

Obter informações acerca de seu locutor, seus interlocutores presumidos, a situação de sua produção, a esfera de atividades em que surgiu e circula, porque o texto, embora aponte para esses elementos, não os apresenta diretamente. Sem esses elementos, a análise não avança ou corre o risco de se tornar mera especulação. Sem o texto ou apenas com o texto, o analista não tem como chegar ao processo enunciativo. (Sobral; Giacomelli, 2018, p. 315)

---

<sup>3</sup> Site do projeto de extensão - <https://librando.paginas.ufsc.br/>

Trabalhamos com obras publicadas. Dessa forma, os aspectos éticos são respeitados adotando a identificação das obras e referenciando os autores. As ilustrações empregadas neste artigo são uma pequena porção da literatura, sem ferir o direito autoral ou a exclusividade de publicação, não prejudicando também a comercialização do livro pela editora ou autor.

### **Literatura surda: linguagem, ideologia e vida surda**

A seção apresenta os resultados a partir dos objetivos propostos. Inicialmente há a síntese categorização das MICD nos documentos selecionados. Em seguida, na seção 4.2, os documentos (obras literárias) são descritos a partir da categorização desenvolvida, considerando atributos empregados pelos autores para apresentação dos personagens ou fatos da história da literatura. Por fim, na seção 4.3, são destacadas cada obra como um enunciado singular em que reverberam as ideologias das comunidades surdas<sup>4</sup>.

### **Um panorama das marcas culturais ideológico-discursivas**

A partir da Análise das obras selecionadas, categorizamos as MCID em a) Sentimentos dos pais ouvintes ao descobrirem que o filho é surdo; b) Sentimentos de isolamento da criança surda ao sentir-se excluída linguisticamente; c) Problemas de comunicação quando a família não sabe Língua de sinais; d) Alegria dos surdos ao descobrir e aprender a Língua de sinais; e) As Línguas de sinais podem e devem ser aprendidas formalmente na escola; f) O intérprete como mediador linguístico e cultural entre surdos e ouvintes; g) A importância de os ouvintes aprenderem a Língua de sinais para se comunicar com os surdos; h) Costumes e valores do povo surdo; e i) A Língua de sinais promovendo relações entre surdos e ouvintes.

---

<sup>4</sup> Ideologias e comunidades surdas são grafadas no plural por compreendermos não haver uma unidade, ou melhor, uma padronização nas formas de pensar e agir de uma comunidade. Os membros das comunidades surdas se identificam pelo entendimento da surdez enquanto diferença linguística e uso da Língua de sinais como meio de comunicação. No entanto muitos outros aspectos e características diversificam estes sujeitos, conf. Perlin (2003).

## Descrição e análise

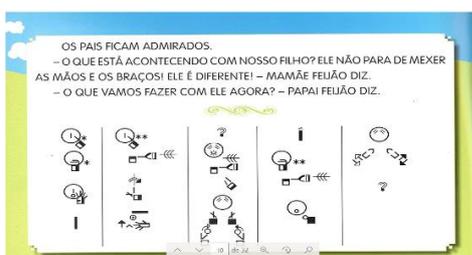
As obras literárias cujo público-alvo seja o infantojuvenil são permeadas pela visualidade, recheadas de ilustrações que compõe junto ao texto verbal (escrito ou sinalizado) um único processo discursivo, onde “o verbal e o visual, integrados arquitetonicamente, criam sentidos, em nosso caso, sentidos para além da enunciação originária” (Sobral; Guimarães, 2015, P. 99).

Apresentamos a seguir ilustrações de obras literárias infantojuvenis nascidas na comunidade surda, que apresentam MCID, sendo disponibilizadas para doação ou venda. Temos realizado um levantamento dessas obras, sendo que até o momento, dessa pesquisa, encontramos 23 criações e 9 adaptações surdas. A maioria dessas, composta por diversos processos tradutórios.

Esclarecemos que selecionamos apenas um exemplo para cada MCID citada em virtude do espaço que o artigo nos permite usar, sendo que o assunto é mais profundamente abordado na tese de doutorado em andamento da primeira autora sob a orientação da segunda autora. Assim, algumas das MCID encontradas nas obras de literatura surda analisadas foram:

### a) Sentimentos dos pais ouvintes aos descobrirem que o filho é surdo

Figura 1 - O feijãozinho surdo



Fonte: Kuchenbecker (2009, p.10)

Na obra *O Feijãozinho Surdo* (Kuchenbecker, 2009, p.10-11), o texto escrito, em que os pais falam sobre o filho Feijãozinho Surdo, apresenta: “[...] não para de mexer as mãos e os braços! Ele é diferente!” A admiração dos pais é relativa à perplexidade do fato de o filho ser diferente e eles não saberem o que fazer com o filho surdo. Tais sentimentos transcritos para a literatura provêm de experiências vivenciadas pela maioria dos pais ouvintes ao descobrirem que o filho é surdo.

Ao ter acesso a tais obras, pais ouvintes podem perceber que eles não são únicos, que outros também passam ou passaram por sentimentos semelhantes. Da mesma forma, as

crianças surdas apreendem que estas experiências, mesmo não sendo ideais, são realidade em vários lares. Ainda os discursos verbo-visuais permitem que a comunidade ouvinte perceba as situações de dúvida, preocupação e aflição que cercam pais ouvintes de filhos surdos, quando não amparados por uma comunidade surda.

Liêge Gemelli Kuchenbecker é a autora dessa obra, uma professora ouvinte, que está imersa na comunidade surda, e atualmente é professora da Universidade de Brasília (UnB) na Faculdade de Educação (FE), na área da Educação Inclusiva na Educação de Surdos e de Surdocegos. O projeto discursivo da autora indica algo positivo ao se descobrir ter um filho surdo, a possibilidade de comunicar-se por uma Língua de sinais.

b) Sentimentos de isolamento da criança surda ao sentir-se excluída linguisticamente

Figura 2 - *Tibi e Joca*



Fonte: Bisol (2001, n.p.)

A obra *Tibi e Joca* (Bisol, 2001, n.p.<sup>5</sup>), apresenta poucas palavras em português, uma vez que seu público é infantil. O excerto selecionado apresenta, um composto onde Tibi, personagem surdo da obra, aparece no centro de um quadrado, cercado por rostos que mexem suas bocas num “blá, blá, blá” constante. “Blá, blá, blá...” é a onomatopeia usada para nos referirmos a discursos, palavras que não compreendemos.

O texto verbo visual permite ao leitor inferir que o personagem surdo se sente pequeno e sozinho mesmo quando cercado por pessoas, que mexem suas bocas sem parar, mas que ele não compreende o que dizem. A interlocução ocorre entre os que mexem as bocas e não aparecem mãos nessa cena. A ilustração apresentada representa o sentimento de isolamento do menino ao ilustrá-lo pequeno, longe, sozinho, mesmo cercado de muitas bocas que se mexem em um “blá, blá, blá” constante. Há também a ilustração de uma parede, sem cor, invisível que separa, afasta e isola o menino surdo dos ouvintes que o cercam.

5 Algumas das obras infantis não tem numeração de página. Razão essa para não aparecer na fonte. *Gláuks: Revista de Letras e Artes-jun/set, 2023-ISSN: 2318-7131-Vol.23, nº 2*

Cláudia Alquati Bisol, autora da obra, é ouvinte. Doutora em Psicologia e docente na Universidade de Caxias do Sul, tem interesse em pesquisas vinculadas à educação inclusiva, educação especial e psicanálise. Consideramos que os discursos da autora são dialógicos, pois estão em relação constitutiva com outros discursos – sejam os discursos que lhe antecederam e aos quais responde. De forma que o projeto discursivo da obra busca sensibilizar o leitor com a situação de exclusão linguística das crianças surdas em meio à comunidade ouvinte que não usa a Libras, assim como apresentar a riqueza de possibilidades que o acesso a Língua de sinais dá ao surdo e a sua família ouvinte.

c) Problemas de comunicação quando a família não sabe Língua de sinais

Figura 3 - *Cinderela Surda*



Fonte: Hessel, Karnopp, Rosa (2011, p.

12)

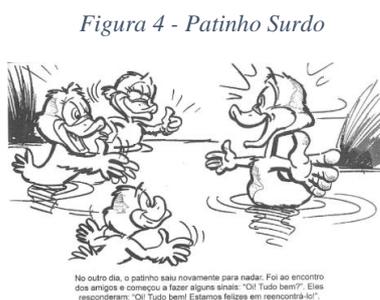
A tradução em português esclarece que *Cinderela Surda* era tratada como empregada pois era ela que “limpava e cozinhava” e que a comunicação na família era difícil “pois a madrasta e as irmãs só faziam poucos sinais”. Composto o discurso verbo-visual, o livro apresenta a imagem das irmãs de Cinderela rindo dela, não com ela. Um riso em atitude de zombaria, enquanto a menina surda aparece trabalhando com olhar confuso. Situações que mostram o sofrimento do sujeito surdo quando a família deste não sabe a Língua de sinais.

O ser humano é essencialmente dialógico, de forma que o não compartilhamento da Língua de sinais entre surdos e ouvintes dentro de casa, cria situações de isolamento, constrangimento e falta de compreensão.

A autora Carolina Hessel é surda. Doutora em Educação, é docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O autor Fabiano Souto Rosa, também surdo e doutor em educação, é professor na Universidade Federal de Pelotas. Lodenir Karnopp é ouvinte. Doutora em linguística, é docente na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e membro ativo na comunidade surda. Esses três autores têm desenvolvido, ao longo dos anos, pesquisas

que abordam os temas de Língua brasileira de sinais, literatura surda, cultura surda e educação. O discurso empreendido no livro reflete e retrata o discurso da comunidade surda sobre os problemas de comunicação nas famílias de pessoas surdas.

d) Alegria dos surdos ao descobrir e aprender a Língua de sinais



Fonte: Rosa, Karnopp (2011, n.p.)

Um dia depois de se conhecerem, os novos amigos (irmãos) do *Patinho Surdo* (Rosa; Karnopp, 2011, n.p.) expressam em sinais “*estamos felizes em reencontrá-lo*”. A ilustração mostra a alegria, durante o encontro, no rosto e nas asas dos patos surdos. As asas (mãos) se movem, expressando abraço, conversa, sinal de legal, entre outros.

Os textos verbo-visuais configuram-se de forma a nos levar esse sentimento de contentamento pelo outro, que se encanta ao encontrar outros que como eles se comunicam visualmente. Surdos, filhos de famílias ouvintes, relatam suas experiências de alegria ao aprenderem a Língua de sinais. Muitos desses discursos podem ser observados nos relatos de alunos surdos que testemunharam como a Libras mudou suas vidas, durante o evento Dia da Libras, promovido pelo curso de graduação em Letras Libras EaD da UFSC em 2023, com discentes dos polos de Florianópolis, Marabá, Macapá e Santa André. Como essa experiência, como mágica, trouxe-lhes novas alegrias, ao passarem a se relacionar com outros sinalizantes (surdos e ouvintes) e poderem compreender os discursos que os cercavam e que, até então, parecia-lhes um grande mistério.

Os autores Lodenir Karnopp e Fabiano Souto Rosa, como já mencionados anteriormente, trabalham em prol da difusão da Libras por meio do acesso à literatura e à cultura surda.

e) As Línguas de Sinais podem e devem ser aprendidas formalmente na escola

Figura 5 - Olhos Mãos MundiaLibras



Fonte: Silva (2022, n.p.)

A obra *Olhos Mãos MundiaLibras* (Silva, 2022, n.p.) traz a cena da fada multilíngue, apresentando uma escola de surdos aos pais ouvintes, e enfatizando a importância do ensino formal na escola bilíngue, uma vez que – “nessa escola de surdos ele irá aprender a língua brasileira de sinais – LIBRAS, que é a primeira língua dos surdos, para que ele possa conversar com vocês e com toda comunidade”. Ao ler tal informação, refletimos sobre uma das lutas da comunidade surda, que é a inclusão do ensino de Língua de sinais nas escolas.

Que as crianças surdas possam aprender a Língua de sinais e estudar em sua Língua natural, que tenham professores que saibam Língua de sinais, para que o desenvolvimento de seu processo de ensino-aprendizagem possa se dar naturalmente, assim como ocorre com as crianças não surdas. Mas, que essa escola esteja aberta à família ouvinte.

Wilson Santos Silva é surdo, graduado em Letras-Libras UFSC e especializado em Educação Especial e Libras, atua como professor de Libras e escritor de literatura surda. No texto indica o nome da Escola “EMEBS Willeitura Surda Fantástica”.

f) O intérprete como mediador linguístico e cultural entre surdos e ouvintes

Figura 6 - Curupira Surdo



Fonte: Espíndola, Silva, Pissinatti  
(2016, n.p.)

Compreendendo a importância do papel do intérprete de Língua de sinais para a comunidade surda, este personagem também contracena em muitas histórias como podemos perceber no excerto acima, retirado da obra *Curupira Surdo*. O texto escrito registra que “as araras-intérpretes encarregam-se de avisar os animais ouvintes”. São elas as encarregadas de informar aos animais ouvintes sobre a presença de caçadores na floresta.

A ilustração apresenta curupira sinalizando avisar... para que a notícia seja espalhada entre animais surdos e ouvintes. Outras obras da literatura surda infantil também trazem figura do intérprete, mediador cultural, entre surdos e ouvintes. Este profissional pode atuar em diversas situações como: em encontros e reuniões familiares, como o sapo em *Patinho Surdo*, quando medeia a comunicação entre as famílias de patos surdos e cisnes ouvintes; no meio comunicacional, mediando, divulgando notícias como a arara que informa aos animais ouvintes a informação dada por Curupira Surdo, de que os caçadores estavam chegando; no ambiente escolar, com o feijão intérprete atuando na escola inclusiva em *Feijãozinho Surdo*; em situações diversas de encontros entre surdos sinalizantes e ouvintes ou surdos que não sabem Língua de sinais como em *Peter Pan Surdo*, onde a fada sininho é a intérprete. As imagens e textos mostram alguns dos ambientes que este profissional trabalha, levando o leitor além de conhecer esse profissional, refletir sobre a responsabilidade deste no intercâmbio de informações e diversidade de áreas que ele pode trabalhar. Na obra, *O Patinho Surdo*, a família “contratou o intérprete”. Ele foi pago. O que leva o leitor a refletir que atuar como intérprete de Língua de sinais é uma profissão. Não se resumindo apenas a amigos ou pessoas bilíngues tentando ajudar.

Amarildo João Espíndola, é surdo, formado em Letras Libras, é doutorando em Literatura. Docente na Universidade de Brasília tem experiência em educação com ênfase em Libras. Elielza Reis da Silva é ouvinte, possui especialização em Libras/ Educação Especial (2012). Tem experiência na área de Educação Especial, com ênfase em educação de surdos. Larissa Gotti Pissinatti é ouvinte e doutora em educação, atuando como docente na UNIR na

*Gláuks: Revista de Letras e Artes-jun/set, 2023-ISSN: 2318-7131-Vol.23, nº 2*

área e estudos literários. Os três autores, da obra *Curupira Surdo*, desenvolvem pesquisas sobre literatura, inclusão e Língua de sinais, de forma que dialogicamente empreenderam na produção dessa obra que traz à tona a importância do intérprete de Libras na disseminação de informação e aprendizado da Língua de sinais por surdos e ouvintes.

- g) Importância de os ouvintes aprenderem a Língua de sinais para se comunicarem com os surdos

Figura 7 - A Cigarra Surda e as Formigas



Fonte: Oliveira; Boldo (s.d.<sup>6</sup>, p.36)

Em *A Cigarra Surda e as Formigas*, a ilustração mostra as cigarras sentadas sorrindo próximas às formigas, e as essas treinando, aprendendo a Língua de sinais. Algumas formigas estão com um livro escrito Libras, que mostra que estas também estão interessadas em aprender, enquanto o texto escrito grafa “quando chegou o verão as formigas já sabiam comunicar-se em sinais e eram amigas das cigarras”. Ou seja, ilustrações e textos, compõem um único projeto discursivo, que reforça a importância de surdos e ouvintes aprenderem a Língua de sinais para desenvolver uma comunicação fluida.

Jaqueline Boldo é surda, mestre em Educação, e docente na Universidade Federal de Santa Catarina. Carmem Elisabeth Oliveira, é ouvinte e mestre em letras/literatura. O projeto

6Figura **Erro!** Apenas o documento principal. – *O Gato Surdo*



Fonte: Silva (2022, n.p.)As obras literárias da cultura surda também trazem exemplos de costumes e de valores da comunidade surda, como podemos observar nos excertos abaixo. Na obra *O Gato Surdo*, a ilustração apresenta um cão tocando com a pata no ombro de um gato. O texto em português informa “ele cutucou com a pata no ombro do gato surdo” enquanto em escrita de sinais também aparece a informação de que quem toca no ombro do gato surdo é o cão surdo oralizado.? Não existe indicação de ano na Obra.

*Gláuks: Revista de Letras e Artes-jun/set, 2023-ISSN: 2318-7131-Vol.23, nº 2*

discursivo da obra foi criado quando as duas autoras trabalhavam como docentes numa classe de crianças surdas e decidiram transformar em livro a adaptação teatral criada para a semana do surdo na escola que trabalhavam. Firmando em determinado cronotopo, dialogicamente o texto traz à tona experiências de vida das docentes e de seus alunos surdos.

h) Costumes e valores do povo surdo

Viviane Midori Kotaki Silva é surda, formada em Design Gráfico em FMU. Ela é designer, artesã, artista plástica, ilustradora e empreendedora da Idealibras Produções Artísticas. A formação da autora reverbera tanto na produção do texto verbal quanto visual do livro, de forma que verbal e visual integram um único projeto discursivo, que visa mostrar ao leitor a cultura surda e a importância da Libras na comunicação entre e com sujeitos surdos.

i) A Língua de sinais promovendo relações entre surdos e ouvintes

Figura 8 - *Um Mistério A Resolver: O Mundo Das Bocas Mexedeiras*



Fonte: Oliveira, Carvalho, Oliveira (2008)

Também é perceptível em diversas obras da literatura surda como o aprendizado da Língua de sinais por ouvintes, possibilita o desabrochar das relações familiares, amorosas e de amizade entre ouvintes e surdos. A ilustração da figura 9, extraída da obra *O mundo das bocas mexedeiras: um mistério a resolver* mostra Ana e sua família feliz. No balão, aparece em escrita de sinais e português a frase “*Nós amamos você*”. Enquanto o texto da história esclarece que os pais estavam aprendendo a Língua de sinais, podendo expressar seus sentimentos com a filha. E que agora ela entendia o que eles desejam.

Os excertos acima, mostram sentimentos de realização e alegria, quando os ouvintes aprendem a Língua de sinais e então podem se comunicar e entender os surdos com quem interagem. Podemos observar além das expressões de alegria, frases como “*Papai e mamãe também estavam aprendendo essa Língua maravilhosa*”, “*Ana já conseguia entender o que*

*eles queriam” “Nós amamos você – eles sinalizavam”*. Surdos e ouvintes, quando compartilham a Língua de sinais, podem desenvolver ótimas relações.

As autoras, uma neurologista infantil e duas professoras, são atuantes na comunidade surda e dedicam-se à educação de surdos. Dialogicamente, a obra apresenta experiências das autoras em seu ambiente de trabalho quando atuando com educação inclusiva e surdez.

### **Cada obra como um enunciado singular em que reverberam as ideologias das comunidades surdas**

Cada obra, a partir do projeto discursivo de seus autores, gera enunciados que carregam todas as implicações inerentes a esse ato. Portanto, mesmo que tenhamos realizado uma generalização ao categorizar as MCID neste estudo, é importante ressaltar que o contexto da enunciação, o público-alvo, e os aspectos dialógicos que influenciaram a produção dos discursos presentes na literatura. Estes elementos permanecem singulares e irrepetíveis.

A denominação que propomos (MCID) destaca o caráter enunciativo-discursivo. Embora o livro com os elementos verbais e não verbais, assim como os aspectos extra-verbais sejam indispensáveis para a categorização, eles não são suficientes para compreender o sentido dos discursos que reverberam nas comunidades surdas.

As categorias aqui desenvolvidas são generalizações teóricas, mas não fixas. Destacamos que não se finda nessas obras selecionadas como amostra. A cada novo enunciado, espera-se o novo, possíveis correlações e provocações a partir das condições de vidas surdas relacionadas à sociedade geral em que estão inseridas. Dito de outro modo, o caráter de inacabamento ou imprevisibilidade não são domesticados pelos sentidos convencionais empregados nesta amostra. Cada autor, cada obra, cada enunciado em seu tempo está aberto para a análise enunciativo-discursiva a partir do plano do sentido, não preso ao texto ou à ilustração.

### **Palavras finais**

As análises realizadas até o momento permitiram-nos apreender MCID presentes nas obras escritas de literatura surda. Esclarecemos que o número de MCID presentes nesse

trabalho (9), não são exaustivas. Porém, o tempo e número de páginas para o artigo nos permitiram trazer uma amostra de nossas pesquisas em andamento.

Tais reflexões buscaram possibilitar ao leitor a ponderar sobre a importância do acesso às traduções escritas de obras literárias das comunidades surdas, ricas em MCID, a fim de divulgar, disseminar e fazer perdurar a literatura surda. Por meio das obras de Literatura Surda escritas, ouvintes que não convivem com a comunidade surda podem ter acesso a esses discursos, que transbordam cultura e ideologias das comunidades surdas. Assim, a literatura surda está gradualmente sendo difundida para além de suas fronteiras culturais, permitindo que essas obras alcancem novos públicos e se expandam para além das esferas discursivas inicialmente restritas às comunidades surdas.

### Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. Tradução de literatura infanto-juvenil para língua de sinais: dialogia e polifonia em questão. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 1151-1172, 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-63982014000400016](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982014000400016) Acesso em 10 out 2020.

BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Trad., Notas e Posfácio de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, v. 34, 1ª reimp. 2019.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance II: as formas do tempo e do cronotopo*. Trad., Notas e Posfácio de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora, v. 34, 1ª ed. 2018.

BOLDO, Jaqueline; SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. Literatura surda: uma questão de cultura e identidade. *Transversal - Revista em Tradução*, v. 4, p. 79-92, 2018.

BEZERRA, Paulo. Tradução, arte, diálogo / Translation, Art, Dialogue - *Bakhtiniana*, São Paulo, 10 (3): 235-251, Set./Dez. 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/21138>. Acesso em 12 ago. 2021.

CELLARD, André. “A análise documental”. In: POUPART, J. et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, Vozes, 2008.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. Petrópolis, Vozes, 2006.

FELÍCIO, Márcia Dilma. *O Surdo e a Contação de Histórias: Análise Da Interpretação Simultânea Do Conto “Sinais No Metrô”*. 2014.137 p. Dissertação (mestrado) – PGET - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

HELDER, Raimundo F. *Como fazer análise documental*. Porto, Universidade de Algarve, 2006.

KARNOPP, Lodenir Becker, *Produções culturais de surdos: análise da literatura surda*. Cadernos de Educação - FaE/PPGE/UFPel - Pelotas [36]: 15 -174. 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1605/1488>. Acesso em: 19 out. 2020.

KUCHENBECKER, Liêge Gemelli, *O Feijãozinho Surdo*. Canoas, RS: Editora da ULBRA, 2009.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, MarliE.D.A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, EPU, 1986.

MAY, Tim. *Pesquisa social: questões, métodos e processo*. Porto Alegre, Artmed, 2004.

MEDVEDEV, Pavel Nikoláievitch.; *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução E. V. Américo, S. C. Grillo. São Paulo, Contexto, 2012.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. *Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de sinais*. In: IX ANPED Sul. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/4114736-Adaptacao-e-traducao-em-literatura-surda-a-producao-cultural-surda-em-lingua-de-sinais.html>. Acesso em: 06 maio 2015.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. *O ser e o estar sendo surdos: alteridade, diferença e identidade*. 156p. 2003. Tese (doutorado) – PPGE - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

REIS, Roberto. *Cânon*. Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura. Rio de Janeiro: Imago, p 65-92. 1992. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/24702794/reis-roberto-canon-in-jose-luis-jobim-org-palavras-da-critica-tendencias-e-conce>. Acesso em: 25 maio 2021.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva; *Librando: Compartilhando literatura Surda*. 52p. 2019. Monografia (Especialização) - Curso de Linguagens e Educação a Distância. UFSC. Florianópolis.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. Marcas culturais na literatura surda infanto-juvenil um olhar sobre o conto “Adão e Eva”. *Revista Diálogos (Revdia)*, v. 1, p. 98, 2022.

*Gláuks: Revista de Letras e Artes-jun/set, 2023-ISSN: 2318-7131-Vol.23, nº 2*

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva. O uso da literatura no processo de aquisição sinalar de crianças surdas. *Revista Re-Produção*, v. 6, p. 1, 2019.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva; *Traduções infantis para Libras: o conto como mediador de aquisição sinalar*. 2016. 157p. Dissertação (Mestrado) – PGET - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

SCHLEMPER, Michelle Duarte da Silva; COSTA, M. P. P. ; ALBRES, N. A. . Paratextos editoriais em produções literárias bilíngues (português-libras): novas perspectivas de leitura de traduções. *Revista Graphos*, v. vol. 24, p. 86-118, 2022

SOBRAL, Adail Ubirajara. “Posfácio”. In: BENEDETTI, Ivone C. e SOBRAL, Adail (orgs.) *Conversas com tradutores: balanços e perspectivas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, 214p.

SOBRAL, Adail Ubirajara; GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso-ADD. *Domínios de Linguagem*, v. 10, n. 3, p. 1076-1094, 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/33006>. Acesso em: 10 set. 2021.

SOBRAL, Adail Ubirajara: Uma concepção semiótica de cultura: Bakhtin e a modernidade. In: Hércia Macedo Academy. *Profa. Fátima recebe Hércia Macedo e Adail Sobral*. Youtube. Live em 07 abr. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wlAYt2lkt-w> Acesso em: 04 out. 2021.

SOBRAL, Adail Ubirajara; GIACOMELLI, Karina. Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. *Linguagem em (Dis) curso*, v. 18, p. 307-322, 2018. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1q5pYTzJUzRDKXJIRuOmaTv6htHdejPST/view?usp=sharing> g. Acesso em: 05 out. 2021.

SOBRAL, Adail; GUIMARÃES, Fernanda. A resignificação da imagem da criança: uma análise bakhtiniana do vídeo Nuestro México del Futuro. *Leitura*, v. 1, n. 55, p. 98-114, 2015.

SOUZA, José Marcos Rosendo de; NETO, Izaías Serafim de Lima; SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. Entre rotas e trajetos: os rumos da literatura e das narrativas surdas. *Textura - Revista de Educação e Letras*, Canoas-RS v. 18, n. 37, p. 190-204. Mai-ago, 2016. Disponível em: <http://posgrad.ulbra.br/periodicos/index.php/txra/article/view/2109>. Acesso em: 05 de mai. de 2023.

STROBEL, karin. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

WIND, Tania Leigh. Mosaicos de culturas de leitura e desafios da tradução na literatura infanto-juvenil. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

VOLÓCHINOV, Valentin. *A palavra na vida e a palavra na poesia*: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Tradutores: Grillo, Sheila; Américo, Ekaterina Vólkova. São Paulo: Editora 34, 2019.

#### Corpus

BISOL, Cláudia. *Tibi e Joca*: uma história de dois mundos. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001

ESPÍNDOLA, Amarildo J.; SILVA, Elielza Reis da; PISSINATTI, Larissa. G.. *Curupira Surdo*. Porto Velho: AICSA, 2016.

HESSEL, Carolina, ROSA, Fabiano, KARNOPP, Lodenir. *Cinderela Surda*. 2. ed. Canoas: Ulbra, 2007.

KUCHENBECKER, Liêge Gemelli, *O Feijãozinho Surdo*. Canoas, RS: Editora da ULBRA, 2009.

OLIVEIRA, Maria A. Amin de; CARVALHO, Ozana Vera Giorgini de; OLIVEIRA, Maria Lúcia Mansur Bomfim de. *Um mistério a resolver*: o mundo das bocas mexedeiras. Del Rey, 2008.

OLIVEIRA, Carmem Elisabete de; BOLDO, Jaqueline. *A cigarra surda e as formigas*. Erechim, RS: Corag, 200? 38 p.

ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. *Patinho Surdo*. Canoas: ULBRA, 2005.

SILVA, Viviane Midori Kotaki. *O gato surdo*. Coleção varinha Libras; 1. 2 ed. São Paulo. IdealLibras. 2021.

SILVA, Wilson Santos. *Olhos mãos mundialibras*. Coleção Willeitura surda fantástica; 1. 1 ed. São Paulo. IdealLibras. 2022.

## **CULTURAL IDEOLOGICAL-DISCURSIVE MARKERS IN WRITTEN DEAF LITERATURE: EXPERIENCES OF DEAF LIVES**

**ABSTRACT :** We intend to analyze which experiences of deaf lives appear most frequently in written deaf literature. The corpus of this study is formed by literary production from the deaf community. The study adopts a qualitative, descriptive, and documentary research approach. We seek support from the dialogical perspective, based on Bakhtin Circle (Bakhtin, 2010, 2018, 2019; Medvedev, 2012; Volóchinov, 2019), to analyze the discourses present in the statements materialized in the literary production. This analysis allows us to understand that the deaf experiences present in a discursively way in their literary works and it is based on the authors' discursive project, aim to be known and respected by those who do not experience them. As a result, we identified and analyzed nine ideological-discursive cultural markers.

**KEYWORDS:** Translation Studies, Literary Translation, Deaf Literature, Translation from Brazilian Sign Language to Portuguese, Dialogical Analysis of Discourse.